

## Dossiê Educação

### “Se não tivesse existido o Célio ou Glademir, não estaríamos aqui”: o *jornal do nuances* na educação patrimonial para pensar o movimento LGBTQIA+ em Porto Alegre

“If Célio or Glademir hadn’t existed, we wouldn’t be here”: the *journal of nuances* in heritage education to think about the LGBTQIA+ movement in Porto Alegre

William Cândido Mengue<sup>1</sup>, UFRGS

#### Resumo

O presente artigo aborda a educação patrimonial sobre o movimento LGBTQIA+ em Porto Alegre, através do *jornal do nuances - Grupo pela livre expressão sexual*. A problemática do texto é como o *jornal do nuances*, na educação patrimonial e no ensino de história, auxilia os estudantes da rede básica a conhecerem e pensarem a história do movimento LGBTQIA+, na cidade de Porto Alegre, no presente e no passado. Dentre o aporte teórico estão os conceitos de “museu pela vida” e “memória LGBT”, que demonstram a existência do patrimônio LGBTQIA+ e, desse modo, evidenciam o *nuances* como um patrimônio cultural *pela vida*. Entre as considerações finais do artigo, estão reflexões e contribuições realizadas pelos estudantes afetados por mediações, que através do passado, conseguiram (re)conhecer a diversa e complexa trajetória do movimento em Porto Alegre.

**Palavras-chave:** Educação Patrimonial; *Jornal do nuances*; LGBTQIA+.

#### Abstract

This article discusses heritage education on the LGBTQIA+ movement in Porto Alegre through the *newspaper nuances - Grupo pela livre expressão sexual*. The issue of the article is how the *nuances newspaper*, through heritage education and history teaching, helps basic education students to understand and think about the history of the LGBTQIA+ movement in the city of Porto Alegre, both in the present and in the past. The theoretical framework includes the concepts of "museum for life" and "LGBT memory," which demonstrate the existence of LGBTQIA+ heritage and highlight *nuances* as cultural heritage *for life*. The final part of this article includes reflections and contributions made by students affected by these mediations, who were able to know and recognize the diverse and complex trajectory of the movement in Porto Alegre through the past.

**Keywords:** Heritage education; *Journal of nuances*; LGBTQIA+.

#### Introdução

O patrimônio histórico-cultural no Brasil esteve interligado, tradicionalmente, às noções de “conhecer e preservar”. A política de conscientização nacional, defendida por Rodrigo Melo Franco de Andrade, criou uma padronização nacional na maneira de ver e pensar os patrimônios

---

<sup>1</sup> Graduando em licenciatura em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: menguecandidowilliam@gmail.com

brasileiros. Desse modo, a promoção do apego para a preservação, numa concepção acrítica, foi o foco e interesse das políticas públicas nas décadas de 1950 e 1960 (SCIFONI, 2019, p. 25). Entretanto, outras formas de pensar, analisar, construir e criticar o patrimônio concretizaram-se no decorrer do tempo, reconfigurando e ressignificando espaços, construções, acervos e manifestações culturais. O *jornal do nuances* é, assim, um exemplo fundamental do patrimônio histórico-cultural da cidade de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul. Criado em 1998 pelo *nuances - Grupo pela livre Expressão Sexual*, o jornal evidencia uma série de aspectos do movimento LGBTQIA+ na capital gaúcha. Enquanto patrimônio histórico, o acervo do *nuances* representa uma possibilidade de entender e refletir, a partir do passado, a luta por direitos, pela felicidade e pela vida da comunidade LGBTQIA+.

No decorrer dos trabalhos realizados na disciplina de Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial, ministrada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o *jornal do nuances* foi pensado como uma possibilidade dentro da educação patrimonial, com o intuito de pensar os espaços de sociabilidade, sujeitos e manifestações culturais do movimento LGBTQIA+ na cidade de Porto Alegre. Dessa maneira, o presente texto parte da seguinte problemática: como o *jornal do nuances*, na educação patrimonial e no ensino de história, auxilia os estudantes da rede básica a conhecerem e pensarem a história do movimento LGBTQIA+, na cidade de Porto Alegre, no presente e no passado? Desse modo, o texto tem o objetivo de dissertar, primeiramente, sobre a história do *jornal do nuances* e sua importância como patrimônio LGBTQIA+ da cidade de Porto Alegre. E, posteriormente, pensar o seu uso na educação patrimonial através de mediações realizadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pepita de Leão em setembro de 2022, além do desenvolvimento e aplicação do jogo pedagógico *Nuances nas Ruas*.

### **O patrimônio LGBT e o *jornal do nuances***

O patrimônio é fruto das relações sociais e dos significados que atribuímos a ele. Logo, a construção simbólica desse patrimônio pode acontecer de distintas maneiras na sociedade. Por exemplo, os diversos tombamentos realizados na primeira metade do século XX foram uma forma de estabelecer uma patrimonialização no Brasil. Nesse período inicial da Lei de Tombamento, entretanto, os patrimônios escolhidos - elevados à condição de afeto, preservação e memória - não representam o todo da sociedade brasileira em sua diversidade social, cultural e histórica. Assim, privilegiaram uma história branca, masculina, cristã e heteronormativa. Isto é, há patrimônios não protegidos pelo aparato público, mas que continuam tendo significados e

sentidos para distintos grupos sociais. Portanto, os patrimônios são, inevitavelmente, espaço de disputa política (TOLENTINO, 2018, p. 57-58).

Ao analisar a representação histórica da comunidade LGBTQIA+ nos espaços de memória no Brasil, o cenário é desalentador. A ausência da comunidade, por exemplo, nas exposições de museus, evidencia a exclusão e o silenciamento que (re)afirmam preconceitos intrínsecos da sociedade brasileira. Como afirmam Jean Baptista e Tony Boita, a “comunidade LGBT no Brasil existe, mas é invisibilizada socialmente, culturalmente, economicamente e academicamente.” (BAPTISTA; BOITA, 2017, p. 144). Ou seja, a comunidade LGBTQIA+ no Brasil não enfrenta somente violências físicas ou verbais, mas, também, a violência no pilar de sua existência: o direito pela história e pela memória. Ainda, segundo os autores:

Se a cultura é um direito assegurado também à população LGBT, o patrimônio é um bem cultural reconhecido pelo Estado que representa a herança, identidade e pertencimento da sociedade. Nota-se o conceito político que define o patrimônio cultural declarando que toda a produção humana, seja ela tangível ou intangível, que representa a herança e a identidade do povo pode ser também patrimônio cultural. (BAPTISTA; BOITA, 2017, p. 136).

O patrimônio da população LGBTQIA+ é um direito humano, demonstrando, materialmente ou imaterialmente, a herança dessa comunidade e do seu pertencimento na composição da sociedade. Desse modo, o *jornal do nuances* é elencado, aqui, como um patrimônio fundamental para compreender a história LGBTQIA+ de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul. O patrimônio demonstra um outro lado da história da capital gaúcha, lugar em que a diversidade sexual e de gênero foi - e continua sendo - vivenciada, através de lutas, ocupações e manifestações culturais. O *nuances - Grupo pela livre Expressão Sexual* surge em 07 de abril de 1991 na casa do estudante da UFRGS, com o intuito de promover a cultura da diversidade e dos direitos humanos de “lésbicas, gueis, travestis, transexuais (homens e mulheres trans), pessoas não-binárias e todas as sexualidades que desafiam a hetero-cis-normatividade” (GOLIN, 2016, p. 10). Ou seja, como afirma Golin, “utilizamos o que envergonha o senso comum como questionamento para empoderarmo-nos.” (GOLIN, 2016, p. 11). Anteriormente, o grupo chamava-se Movimento Homossexual Gaúcho (MHG), justamente na tentativa de atrair atenção pela junção de “homossexual” e “gaúcho”. Segundo consta no livro *nuances 25 anos. Uma trajetória inconformada com a norma*:

O *nuances* conseguiu sensibilizar (e ser sensibilizado) pelos poderes Judiciário, Legislativo e Executivo; inclusive pela sociedade, em especial a porto-alegrense, que foi solidária e permitiu que o grupo despontasse como

uma forte referência em direitos humanos; em especial pela luta em favor da livre expressão sexual, nome adotado pelo grupo. *nuances* é um nome que por si só já diz bastante. (GOLIN, 2016, p. 17).

Desse modo, desde a sua criação, por Glademir Lorensi e Célio Golin, o *nuances* ocupou um lugar de destaque na sociedade porto-alegrense na defesa da livre expressão sexual e na luta por direitos sociais e políticos. A primeira edição do *jornal do nuances* é de janeiro de 1998, estabelecendo uma rede de comunicação e divulgação em Porto Alegre para realizar campanhas de prevenção contra a AIDS, denúncias de ações discriminatórias, reivindicações de direitos, homenagens, reflexões e críticas. A primeira edição do *jornal do nuances*, financiado pelo Ministério da Saúde, por exemplo, tratou nas matérias sobre AIDS, a regulamentação a operação de troca de sexo, resgate histórico do Lampion da Esquina e entre outros temas (JORNAL DO NUANCES, 01/1998). Desse modo, vale destacar o foco de diversas matérias dentro do *jornal do nuances*: a questão da epidemia de AIDS. Assunto extremamente latente na década de 1990, o HIV/AIDS foi uma sombra que ceifou milhares de vidas da comunidade LGBTQIA+ na época. Havia, ainda, uma ideia de “grupo de risco”, que vinculava a doença principalmente aos homossexuais, ideia essa combatida pelo *jornal do nuances*, evidenciando o alastramento da doença em mulheres heterossexuais, além de crianças, com boletins epistemológico da doença.

Ao entrar nos anos 2000, entretanto, as matérias específicas sobre a AIDS diminuíram. Apesar de não deixarem de estarem presentes, como em campanhas de prevenção, o foco do *jornal do nuances* mudou para a tratar a vida e a existência da comunidade LGBTQIA+ em Porto Alegre. Um exemplo é o “Roteiro Guei/Lésbico”, um mapa-guia contendo dicas de “bares e boates”, “videolocadoras”, “pontos turísticos”, “saunas”, “lugares de pegação” e os “principais eventos” na cidade de POA (JORNAL DO NUANCES, 03/2005). Ou seja, havia a preocupação de ocupar os espaços da cidade, mapeando locais, e utilizando a comunicação como meio de atingir o público LGBTQIA+ na busca de exercer a livre expressão sexual. Para além da convencional história e ocupação da capital gaúcha, o *nuances* demonstra, através de sua escrita satírica e inventiva, outras formas de ocupar e viver a cidade. O patrimônio apresenta uma série de avanços, entre lutas e caminhadas, da trajetória LGBTQIA+ em Porto Alegre.

### **O *nuances* na educação patrimonial**

A educação patrimonial, assim como o patrimônio em si, é um direito humano. Segundo Simone Sciloni, a educação patrimonial, enquanto necessidade e direito social, deve estar “em primeiro lugar, e não como anexo ou complemento do processo de patrimonialização.”

(SCILONI, 2019, p. 30). Isto é, o relacionar-se com o patrimônio deve estar interligado com práticas educativas patrimoniais, que possibilitam e instigam a participação da sociedade, o diálogo, a construção e ressignificação de sentidos. Nesse aspecto, a educação patrimonial precisa ser crítica e transformadora das relações sociais. No presente texto, para além da materialidade, a existência e a vida são colocadas como patrimônio, dentro das sociabilidades, manifestações e ocupações nas cidades. Como apontam Baptista, Boita e Brigidi:

Neste debate, vimos que a Museologia LGBTQ+ feita no Brasil tem muito a oferecer sobre aquilo que mais uma vez se mostra importante: a preservação não apenas de objetos, mas sobretudo da vida. [...] os *museus pela vida*, aqueles que entendem que os objetos estão em segundo plano quando postos ao lado dos profissionais da instituição e de seus visitantes (BAPTISTA; BOITA; BRIGIDI, 2021, p. 122).

A Museologia LGBTQ+ auxilia nesse processo de perceber e criticar as exclusões, os apagamentos e silenciamentos realizados pelos “necromuseus”, apenas dispostos à exposições sem direta conexão com a sociedade, focadas estritamente aos objetos e na negação dos problemas da contemporaneidade (BAPTISTA; BOITA; BRIGIDI, 2021, p. 122). Os museus pela vida, dessa maneira, dialogam com o acervo do *jornal do nuances*. Para além da comum materialidade, o jornal evidencia a vida da comunidade LGBTQIA+ porto-alegrense, em suas festividades, conquistas e práticas culturais. Ou seja, o *nuances* é, antes de tudo, um acervo - um patrimônio - pela vida, pois possibilita enxergar no passado lutas e trajetórias que nos conectam com o presente. Portanto, o *jornal do nuances* detém patrimonialidade *sobre e pela* vida do movimento LGBTQIA+. Assim, a educação patrimonial a partir do *jornal do nuances* trouxe uma importante experiência para refletir, com alunos da rede básica de ensino, a historicidade LGBTQIA+ na capital gaúcha, em sua diversidade e relações com o presente.

Na disciplina de Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial, ministrada em 2022/1 pelas professoras Melina Perussatto, Sarah Silva e Carmen Gil, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi possível estabelecer o contato para estagiar no Núcleo de Pesquisa em História (NPH) da UFRGS. O estágio na instituição, junto com a produção do material didático e execução das mediações, foi realizado em conjunto com a colega Clara Aguiar Costa Bauer, graduanda em Licenciatura em História. Dentre o diverso acervo do NPH, todas as edições do *jornal do nuances* estão digitalizadas e disponibilizadas no site do Núcleo, o que possibilitou as pesquisas e atividades educacionais desenvolvidas.<sup>2</sup> Vale destacar, com isso, a relevância e importância desse patrimônio constar dentro da universidade,

---

<sup>2</sup> Disponível no NPH Digit@l: <<https://www.ufrgs.br/nphdigital/hemeroteca-digital/>>. Acesso dia 07/10/2022.

viabilizando não somente pesquisas, mas também ações voltadas ao ensino de história e a educação patrimonial. Além da preservação e manutenção do acervo físico e digital, o NPH atua no desenvolvimento de jogos pedagógicos para o ensino de história. Esse aspecto foi essencial para pensar em possibilidades didáticas dentro da educação patrimonial. Sob a supervisão de Marisângela Martins, houveram uma série de testes de jogos didáticos com temática histórica, com o objetivo de analisar mecânicas de jogo e abordagens históricas.

Desse modo, no decorrer da experiência de estágio, foi desenvolvido o *Nuances nas Ruas*, jogo pedagógico com base no *jornal do nuances*, tendo como principal inspiração a mecânica do jogo didático *África no Arquivo*, do Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APERS). Em síntese, o jogo tem como objetivo instigar o acesso à materialidade do *jornal do nuances* para pensar sujeitos, manifestações e a cultura LGBTQIA+ na cidade de Porto Alegre. No processo de produção do jogo, para além dos testes realizados no NPH, foram realizadas pesquisas a partir do jornal, com o intuito de selecionar reportagens, matérias e assuntos latentes para serem acessados posteriormente pelos estudantes/jogadores. Todo o material didático foi desenvolvido no Canva, ferramenta gratuita de design gráfico.

Conforme as regras do *Nuances nas Ruas*, após a formação dos grupos de 7 pessoas, o jogo inicia com a leitura, por parte dos jogadores, dos 14 fac-símiles. Dentre os fac-símiles estão diversos temas latentes da comunidade LGBTQIA+ em Porto Alegre, como campanhas de combate à homofobia, concurso de drags ou a edição dos Jogos Gay. Cada fac-símile tem a reprodução da materialidade do *jornal do nuances*, com a edição e página referenciada, e no verso a transcrição do mesmo documento. Nessa parte de pesquisa histórica, os jogadores devem escrever em seus cadernos informações que acharem importantes dos fac-símiles. Após esse momento de consulta, é decidido um juiz dentre os 7 jogadores, que ficará responsável pelo cartão de respostas, dizendo se o jogador acertou ou não a resposta dos quadrantes.

O tabuleiro do jogo, que inicia com a casa de estudante da UFRGS, possui 25 casas, com 21 perguntas relacionadas ao *jornal nuances* e 4 eventos surpresa (por exemplo, ficar uma rodada sem jogar ou avançar até determinada casa). Caso o jogador acerte a pergunta da casa direcionada, permanece; caso errar, volta pro quadrante anterior. O *Nuances nas Ruas* termina quando todos os jogadores chegarem no destino final: a parada livre. Ademais, o jogo contém material de apoio à professora e ao professor, com propósito de exemplificar brevemente o jogo e a história do *nuances*, além de indicar materiais para aprofundamento; e, também, um glossário com diversos termos importantes para melhor compreender o movimento LGBTQIA+ e o contexto histórico do *jornal do nuances*.



As mediações acerca da história do movimento LGBTQIA+ em POA e do *jornal do nuances* aconteceram no mês de setembro de 2022 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pepita de Leão, localizada no bairro Passo das Pedras, na zona norte de Porto Alegre. As mediações aconteceram no contraturno da escola, no “Projeto de Vida”, disciplina ministrada pelo professor Rodrigo Souza dos Santos. Na elaboração (e execução) das mediações, Caroline Pacievitch auxilia no processo de refletir sobre o ato de mediar, onde há a criação de um tema, na interlocução com pessoas. A mediação, dentro ou fora dos espaços museológicos, não pretende ser uma aula convencional, inserida no contexto de um currículo de ensino. Como Pacievitch argumenta: “Há o desejo de que aconteça aprendizado, mobilização dos objetos, recriação dos espaços, reprodução de um gesto, uma canção, um sentimento.” (PACIEVITCH, 2019, p. 2). Dessa maneira, a mediação busca fazer-se um ato de diálogo aberto, em que os caminhos não são fixos, podendo alterar-se conforme o interesse e a curiosidade dos visitantes/estudantes/participantes. A mobilização dos objetos, recriação dos espaços e um sentimento são três dos elementos trazidos por Pacievitch que guiaram a construção e execução da mediação no ambiente escolar.

No primeiro dia de mediação, no dia 15 de setembro de 2022, o objetivo foi dialogar com os estudantes sobre a história do movimento LGBTQIA+, iniciando com a mudança das siglas no passar do tempo e, posteriormente, tratando sobre o *jornal do nuances* como meio de conhecer o movimento em POA. Assim, foi colocado na lousa as diversas siglas do movimento: GLS, LBTT, LGBT e LGBTQIA+. Enquanto mediação participativa, foi solicitado aos estudantes para falarem o que significava cada letra, de sigla a sigla. Conforme Pacievitch, há tipos de participação segundo o nível de interatividade, no qual um “permite que as pessoas produzam individualmente e que também partilhem seus feitos com outros visitantes” (PACIEVITCH, 2019, p. 5). Aqui os alunos respondiam e, através de seus conhecimentos e explicações, construíram o quadro sobre as siglas no decorrer do tempo. É interessante destacar que, na execução da mediação, havia uma rapidez e fluidez nas respostas. Houve uma “competitividade amistosa”, pois disputavam entre si quem responderia primeiro, da maneira “mais correta”.

Ao completar as siglas, houve um novo caminho na mediação, com a pergunta de um aluno: “Mas cadê o P?”. Como argumenta Pacievitch, a mediação ocorre a partir dos interesses do público, onde se dá a necessidade, por parte do mediador, de “interpretar rapidamente as intervenções do público, ‘pegar o gancho’ e dirigir toda a mediação a partir desse ‘gancho’” (PACIEVITCH, 2019, p. 9). A pergunta sobre o P possibilitou um “gancho” sobre o que estava

sendo construído até então. O aluno questionara sobre o Panssexual, não contemplado na última sigla. Essa pergunta trouxe, logo, a reflexão sobre a historicidade do movimento LGBTQIA+ e como, a sigla em si, transformou-se e continua se transformando com o tempo. Isto é, afirmamos que atualmente a sigla convencional é essa, em que o “+” abrange outras formas de existir para a comunidade. Porém, o tempo pode reconfigurar a sigla, aumentando-a, ao incluir outros grupos sociais, como aconteceu desde o GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes).

Após a construção das siglas, o rumo da mediação mudou ao abordar diretamente o *jornal do nuances*, evidenciando facetas importantes da comunidade LGBTQIA+ na capital. Na lousa foi realizada uma linha do tempo, iniciando na casa do estudante da UFRGS e finalizando na parada livre, no qual foram destacados alguns elementos para exposição e diálogo: expressão sexual, HIV/AIDS, Coligay, Jogos Gay, Negalu e a parada livre. Cada assunto, por sua vez, foi tratado pelo mediador ou pela mediadora, intercalando a vez da fala e da escuta. A história do *nuances* foi recebida com curiosidade pelos estudantes. A Coligay e os Jogos Gay foram, dentre os aspectos elencados, os que mais geraram dúvidas e comentários por parte dos alunos. Esses dois pontos tratam diretamente com o cotidiano deles: esporte e futebol. Então, foi trazido por um aluno o caso do ex-jogador do São Paulo, Richarlyson Barbosa, que sofreu homofobia por causa da sua sexualidade, sendo um homem bissexual. Esse novo “gancho” foi utilizado para discutir sobre o preconceito existente dentro do futebol masculino e, além disso, interligando como a Coligay, na torcida do Grêmio, auxiliou no combate à homofobia já na década de 1970.

Após tratar sobre a linha do tempo do *jornal do nuances*, foi aberto o espaço para perguntas e observações dos estudantes. Entre as falas, vale destacar e analisar dois momentos. Uma aluna comentou sobre como a *família tradicional brasileira* (utilizando esse termo) percebe a comunidade LGTBQIA+, ocultando sua existência e amenizando suas manifestações culturais na cidade. Posteriormente, outra aluna apontou sobre o uso de expressões dentro da sala de aula, como “viado” e “bixa”, perguntando se é ofensivo ou não, e em quais contextos. Esses dois pontos, partindo da faísca da mediação sobre o *jornal do nuances*, possibilitaram tratar sobre dois espaços da vida dos estudantes: a casa e a sala de aula. A casa, assim, foi notada como um possível espaço de insegurança, tendo que evitar certos assuntos para o convívio interno. Enquanto a sala de aula, um espaço (na maioria das vezes) mais seguro aos alunos e às alunas, mas que ainda contém preconceitos e discriminações. Ambos foram pensados no processo de combate à homofobia e ao preconceito. Enquanto mediadores, tratamos sobre a necessidade de, principalmente na escola, repreender atitudes homofóbicas, avisando e



conversando com os colegas de turma. Mas, que em casa, a situação deve ser tratada com cuidado, uma vez que concepções de gerações antigas podem ser mais difíceis de mudar.

No segundo dia de mediação, no dia 29 de setembro, houve dois momentos separados: a aplicação do *Nuances nas Ruas* e uma roda de conversa sobre os temas tratados. Os estudantes foram divididos em dois grupos de aproximadamente 7 integrantes, cada um sendo auxiliado por um mediador. Por conseguinte, os 14 fac-símiles foram distribuídos para a leitura e anotações dos estudantes. Cada um utilizou uma folha de ofício, ou de caderno, para destacar as informações importantes das fontes lidas. Enquanto mediadores, também, foi dado dicas para a leitura dos escritos do *jornal nuances*. Após o tempo de leitura, a parte do tabuleiro iniciou. Em cada grupo, a funcionalidade do *Nuances nas Ruas* alterou-se, também, conforme as necessidades e os anseios dos estudantes: em um caso, o “controle” das respostas individuais foi maior; enquanto outro, dividiam-se informações e respostas, auxiliando os colegas em dificuldade. Após a aplicação do jogo, foi feita uma roda de conversa para abordar os temas desenvolvidos até então. Nesse momento da roda, os fac-símiles do *Nuances nas Ruas* foram distribuídos para a circulação entre os alunos. Como Pacievitch trata:

Nesse tipo de ação educativa, cabe ao mediador criar a situação e ouvir/observar atentamente as reações dos visitantes, para construir a sequência da mediação a partir dos temas que emergirem nas interações iniciais e com os demais objetos expostos no museu. (PACIEVITCH, 2019, p. 7).

Assim, os documentos em circulação foram um meio de instigar comentários, dúvidas e observações dos estudantes, em contato pela primeira vez com o *jornal do nuances*. Na roda de conversa, cada fonte do jornal gerou um momento de destaque, em seus distintos modos de apresentar e pensar a história LGBTQIA+. Por exemplo, a matéria da 2ª Edição dos Jogos Gay instaurou comentários sobre a inserção de distintos grupos no esporte, e como esse evento pode ser um importante meio de sociabilidade sem medo de preconceitos ou de exclusões. Ao abordar exclusões e apagamentos, houve um relato de uma estudante sobre sua sexualidade e relação familiar. A aluna, demissexual, sentia que sua sexualidade era apagada na família. Atualmente em relação com uma mulher, sentia que se fosse “um guri”, a família não a apagara, e trataria como se - de fato - existisse. Esse relato trouxe um “gancho” necessário para falar sobre os frequentes apagamentos da sexualidade não-normativa dentro do ambiente familiar.

Desse modo, o texto propõe refletir: como o *jornal do nuances* auxiliou os estudantes da rede básica a conhecerem e pensarem a história do movimento LGBTQIA+, na cidade de Porto Alegre, no presente e no passado? Ao entrarem em contato com as discussões sobre o

movimento LGBTQIA+, os estudantes se depararam com um assunto que está presente em suas vidas, através de filmes, séries, livros, quadrinhos e no próprio dia-a-dia. Entretanto, o exercício de abordar esse tema, através do passado, foi completamente novo para eles. É senso comum pensar que a população LGBTQIA+ não possui contribuição na história, sendo excluída dos espaços de memória, dos livros didáticos e das abordagens historiográficas. Ao abordar o movimento LGBTQIA+ na cidade de Porto Alegre, através do *jornal do nuances*, há uma mudança de perspectiva. Esse patrimônio cultural preenche uma lacuna para o imaginário histórico dos estudantes: a extensão da luta e da ocupação na cidade. Portanto, entre o processo de conhecer e pensar sobre a história do movimento LGBTQIA+ para os estudantes, destaco aqui três pontos. O primeiro ponto é que o *nuances*, enquanto patrimônio, retira o senso comum da naturalidade de tratar o movimento LGBTQIA+ enquanto algo apenas relativo ao presente, sem trajetória ou importância no passado. A história da comunidade em Porto Alegre despertou curiosidade e interesse das alunas e dos alunos, como um modo de perceber, por exemplo, o quão antiga é a parada livre - dia de festividade que muitos, inclusive, já tinham ido. A construção da mudança das siglas também dialoga com o presente deles, ampliando e complexificando noções já conhecidas.

O segundo ponto a ser destacado é o diálogo sobre o preconceito e a homofobia. O *nuances*, enquanto grupo, realizou inúmeras ações para denunciar e combater atitudes discriminatórias e violências contra a comunidade LGBTQIA+ em Porto Alegre. Para os estudantes, o combate ao preconceito é um debate necessário, uma vez que casos de homofobia foram relatados pelos alunos em suas falas na mediação. O *nuances* serviu como um pontapé para pensar a historicidade da violência contra a população LGBTQIA+, mas também o combate, a resistência e a luta por direitos. Os comentários e as dúvidas sobre os Jogos Gay, além da Coligay, demonstra a atenção dos alunos para pensarem sobre o presente (a prática de esportes e torcidas de futebol) em seus bloqueios sociais e preconceitos.

O terceiro ponto, desse modo, parte de uma contribuição da Clara Bauer. Em conclusão da primeira mediação, foi dito: “Se não tivesse existido o Célio ou Glademir, não estaríamos aqui”. A fala demonstra - não só aos alunos - um norteador da importância da trajetória do *nuances* na cidade de Porto Alegre. O direito pela vida foi a principal luta do grupo no decorrer de sua história, em ocupações da cidade, combate à homofobia, conquista de direitos e festividades. Caso Célio Golin e Glademir Lorensi não tivessem existido certamente o movimento LGBTQIA+ em POA, do presente, não seria o mesmo. A história de permanência e luta resultou numa cidade mais inclusiva à comunidade LGBTQIA+. Os espaços e direitos,

hoje ocupados há anos, detém a responsabilidade desses indivíduos que, através de sonhos, modificaram os rumos da própria (e da nossa) história. Portanto, o *jornal do nuances* evidencia que *existimos* há muito tempo e que temos o direito à vida.

### **Considerações finais**

Enquanto direito humano, o patrimônio LGBTQIA+ existe e deve estar presente, cada vez mais, na educação patrimonial e no ensino de história. Logo, o *jornal do nuances* é um patrimônio essencial para conhecer e pensar a história do movimento LGBTQIA+ em Porto Alegre. Enquanto um patrimônio *pela* vida, o *jornal do nuances* auxilia no processo de pensar as sociabilidades, sujeitos, ocupações da cidade e manifestações culturais na capital gaúcha, entre o passado e presente, através de sua diversidade de matérias e assuntos abordados. A educação patrimonial, dentro do ensino de história, oportuniza o acesso a essa materialidade e a essas reflexões, que tem como objetivo principal a afirmação dos direitos humanos, do combate à homofobia e da reivindicação por direitos.

Ao longo da experiência de estágio, com a produção do material didático e da execução das mediações, foi possível perceber caminhos não comumente explorados. A abordagem LGBTQIA+, com o *jornal do nuances*, pode desenvolver práticas extremamente positivas de educação patrimonial, ao colocar os estudantes/participantes no contato da materialidade e da vida contida nesse patrimônio. Dentre as ações realizadas, o jogo pedagógico *Nuances nas Ruas* foi um exercício importante para pensar e praticar outros modos de ensinar história, trazendo meios de instigar a sociabilidade entre os estudantes, no processo de descoberta e aprendizagem acerca do assunto.

Entre os relatos durante as mediações, é possível perceber que o *jornal do nuances* foi um meio de “permitir” o diálogo entre os estudantes sobre o tema. Além de, através de uma mediação participativa e sensível, abrir espaço para o que está escondido - muitas vezes no íntimo da/o estudante - floresça. Os testemunhos dos estudantes, além das críticas e da necessidade do combate à homofobia, apresentam como o *jornal do nuances* - e o espaço construído com isso na mediação - possibilita o acolhimento e o reconhecimento do direito à felicidade, à existência, à vida. Desse modo, o uso do *jornal do nuances* está em aberto, possível à novas formas de abordagem em pesquisas, no ensino de história e na educação patrimonial. E, sobretudo, como um patrimônio para afirmar o direito de *existir e viver*.

### **Fontes utilizadas**

Jornal do nuances - Grupo pela livre expressão sexual. Janeiro de 1998. Ano 1. N° 1.

Jornal do nuances - Grupo pela livre expressão sexual. Março de 2004. Ano 5. Nº 27.

### **Referências**

BATISTA, Jean BOITA, Tony; BRIGIDI, Bianca Bee. Em tempos pandêmicos de HIV/AIDS e COVID-19: Museologia Queer BIPOC e Corpos Pedagógicos entre necromuseus e museus pela vida. In: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário C. (ed). **Sociomuseologia: para uma leitura crítica do Mundo**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2021 p. 121-138.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Museologia Comunitária, Comunidades LGBT e Direitos Humanos: estratégias de superação de fobias à diversidade sexual no Brasil. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**. Florianópolis, v. especial, n. 1, maio, p. 132-146, 2017.

GOLIN, Célio. **Nuances 25 anos. Uma trajetória inconformada com a norma**. Porto Alegre: Nuances Grupo pela Livre Expressão Sexual. 2017.

PACIEVITCH, Caroline. **Mediação, mediação participativa e ensino de história em espaços de memória**. Texto produzido para aula, 2019.

SCIFONI, Simone. Conhecer para preservar: uma ideia fora do tempo. **Revista do CPC**. São Paulo, v. Especial, n. 27, jan./jul, p. 14-31, 2019.

TOLENTINO, Átila. Educação Patrimonial Decolonial: perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização Federal. **Sillogés**. Porto Alegre, v. 1, n. 1, jan./jun, p. 41-60, 2018.